

5 Conclusão

Certos escritores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade – talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer.¹

Agora nessas últimas linhas vou contar, observando os limites que a gramática e a lei nos impõem, um pouco sobre a experiência de liberdade que o texto de Foucault me proporcionou. Apresentei, neste trabalho, um encontro raro que agora termina, que deixou como registro algumas marcas provenientes, ao mesmo tempo, do presente e da antiguidade. Destaquei a força própria ao projeto geral de Foucault de diagnóstico do presente: ao nos lançarmos para trás, carregados pela capacidade de usar energeticamente o pensamento, podemos viver o que chamarei de uma experiência mística². Entendo a experiência mística como um encontro precioso, desses encontros raros que muitas vezes temos dificuldade de viver mesmo com aqueles que estão bem perto.

Nesse encontro pude conhecer um Platão bastante preocupado com sua cultura. Conheci também alguns aspectos dessa cultura tão diferente da nossa. Minha experiência foi uma tentativa de chegar o mais perto possível de práticas existenciais sem cair na tentação de capturá-las imediatamente pelo conhecimento construído apenas no tempo atual. A construção de um novo olhar me exigiu bastante atenção às interferências causadas a partir da nossa experiência atual, mas também me permitiu viver com riqueza a experiência de olhar para trás. Penso que o percurso de construção de um olhar que fosse mais próprio ao passado de nossas experiências me permite retornar para o presente carregando na bagagem da minha existência algumas novidades.

Para liberar o pensamento, para experimentar o novo, Foucault nos orienta a todo instante a nos lançarmos em um *trabalho de recordação* sobre o que é antigo. Foucault me ajudou o tempo inteiro nesse exercício. Não tenho dúvida de

¹ GRACILIANO RAMOS, *Memórias do Cárcere*.

² Com o termo “experiência mística” queremos nos aproximar do que Walter Benjamin vai denominar de “messianismo” em suas teses sobre a história.

que o modo de apresentação do livro³ traz as marcas de seu interesse. Como expus na introdução, minha proposta era que o método de elaboração do meu trabalho fosse justamente acompanhar o texto de Foucault muito de perto, tanto quanto possível.

Posso concluir agora que o resgate dos diversos pontos de comparação com a nossa moral – herdeira legítima da moral cristã –, descritos no decorrer do livro, foi crucial para a experiência que me foi possível realizar. Talvez, um dos maiores interesses de Foucault nesse livro tenha sido o de nos liberar, seus leitores, como sujeitos. Os impasses que presenciamos e as angústias advindas da experimentação de lançar um olhar para costumes vividos em outro tempo, sem abrir mão do esforço de não interpretá-los a partir dos nossos costumes, podem ser considerados parte de uma experiência radical. Senti na pele o processo de liberação das diversas interferências apontadas por Foucault em todo o seu projeto. O momento final do trabalho de Foucault, nos faz viver na carne um “processo” de reviravolta do olhar que se dirige para outro tempo. As interferências fazem parte da construção do texto desta dissertação. Tais registros aparecem demarcados, cada um ao seu modo, nas diferentes etapas do processo de escrita.

Fui seguindo na direção de fazer o trabalho de descrição do arquivo. Na esteira de Foucault, tomei o material referente à Grécia clássica como material “que fora de nós, nos delimita”⁴. A partir disso, pude recortar, de algum modo, no surgimento do indivíduo que valoriza o *logos* em suas práticas mais costumeiras, a atualização de uma necessidade. Necessidade que Foucault descreveria como a de uma armadura construída pelos indivíduos para conduzirem-se na vida cotidiana.

A necessidade de que uma armadura fosse construída sistematicamente na vida da Grécia clássica está referida à dimensão de luta em que os indivíduos viviam no cotidiano daquele tempo. Essa dimensão de luta parece ter mantido os indivíduos mais próximos de si mesmos. Quero dizer que o empreendimento da luta impunha a existência de pensamentos e de práticas que respondiam a uma ética, àquilo que deveria ser feito cotidianamente e, mais ainda, ao que deveria ser bem feito cotidianamente. Apesar de o indivíduo já se constituir marcado por

³ O livro ao qual me refiro é a *História da sexualidade 2*.

⁴ FOUCAULT, 2005, p. 148.

divisões, apesar de existirem cotidianamente o medo da morte e as muitas tentativas de controle desse medo, pude perceber, naquele momento histórico, um tempo de maior mobilidade do indivíduo na lida consigo próprio.

Não estou propondo olhar para os gregos sem levar em conta a riqueza da experiência que aí foi desenvolvida no que se refere ao valor conferido aos deuses. Lembro do que foi dito no decorrer do texto, que, acompanhando Foucault, não me proporia a um estudo profundo dos gregos, sim à organização social deles na vida cotidiana. Meu interesse era o de recortar o que de lá poderia nos servir para pensar sobre as nossas questões referentes à subjetividade.

A mobilidade imiscuída nos modos de proceder cotidianos dos indivíduos antigos se mostra, a partir do olhar contemporâneo, como significando uma abertura. Havia então quase que uma prescrição para que os indivíduos negociassem abertamente com suas diferentes instâncias. Qualquer negociação se dava às claras, fazia parte da própria maneira de viver, era legítima. A abertura com que nos deparamos no estudo do livro de costumes dos gregos diz respeito também à maior amplitude de possibilidades na lida do indivíduo consigo mesmo. A abertura grega se dava, por assim dizer, em direção ao exterior.

Em contraposição à abertura grega, Foucault nos mostra o surgimento de uma outra abertura, escavada a partir do exercício promovido pela pastoral cristã. O resultado do trabalho da pastoral cristã pode ser resumido pelo gesto, sempre repetido, da introdução no indivíduo de um Outro idealizado. Aqui pude ver irromper um dos aspectos que caracterizam o indivíduo portador de uma interioridade. Interioridade que porta o secreto, aquilo que deve ser desvendado. Descobrimos com Foucault que a abertura promovida pela pastoral cristã forjava um interior.

A experiência de chegar tão perto dessa diferença ajuda a entender os vários momentos da crítica foucaultiana à idéia de um único sujeito que teria percorrido toda a história. Além disso, posso agora entender porque Foucault optou por não se ater aos conteúdos da suposta subjetividade e sim às determinações dos lugares de onde os sujeitos vieram a responder.

No final do livro, na parte sobre a erótica e o verdadeiro amor, vimos um recorte que parece demonstrar a necessidade dos gregos de ritualizar. Foucault nos mostra que não devemos apreender as diversas justificativas que os gregos atribuíam ao amor masculino, por exemplo, a partir das nossas justificativas.

Então, reconhecemos, em momentos históricos tão diferentes, por um lado, uma mesma necessidade de ritualizar e de racionalizar, e, por outro lado, a radical distinção que se apresenta quando a pesquisa se dirige para o material concreto das produções humanas.

A experiência mística irrompe quando conseguimos, com muito exercício, afastar mesmo que por um período limitado, as nossas antigas e conhecidas maneiras de ritualizar nosso próprio pensamento. Para que nos serve tamanho trabalho de pensar sobre a nossa subjetividade tomando como material os costumes da antiguidade grega? Para seguir a orientação de Foucault: se pensarmos apenas a partir da experiência atual, somente iremos nos manter na dimensão dos nossos rituais de pensamento. O trabalho de nos colocar em questão exige a tarefa de liberar o pensamento, para que o próprio trabalho de nos colocar em questão se revele mais complexo.

Retomemos aqui o fato de termos tratado de um projeto que possui o caráter de ser inacabado. Agora podemos ver mais de perto que tal caráter diz respeito à natureza dinâmica da pesquisa. Depois do trabalho de escrita desta dissertação, está, para mim, mais bem colocada a importância de o pensamento se manter aberto, funcionando e se relançando, quando se trata de um projeto sobre uma história da sexualidade conforme Foucault propusera. Dado o abalo sofrido pela idéia de um mesmo sujeito presente no fio do tempo, um projeto da história da sexualidade deve se estabelecer como um projeto vivo, não sistemático, sempre relançado no seu tempo.